

Entrevista com Djanira Lopes Dos Santos, 29/03/2018

Local da entrevista: Sua residência em Rua Badger

Entrevistadores: Mauro Amoroso e Luciana Chagas Brasil

Vídeo e áudio: a confirmar os nomes

Luciana Chagas Brasil: Ta gravando?Áudio ta ok? Câmera 1, câmera 2, câmera 3. Vê se da pra escutar meu estalo (estalo)Gravando!

Mauro Amoroso: Dona Dijanira, lembrada ultima vez que eu vim aqui que a senhora me contou as historias da pimentinha (risos)

Djanira Lopes Dos Santos: Você não esqueceu da pimentinha menino?

MA: É a pimentinha é inesquecível

DLS: Ela É tão arдилosa, você lembro da pimentinha

MA: Isso a Pimentinha (fala interrompida)

DLS:Isso já passou eu era pequenininha, era menina

MA:(risos)mas vem cá quando a senhora um pouco depois não éda senhora ter passado pela fase da pimentinha

DLS: Ai depois da fase da pimentinha ai veio o sofrimento não é que ai eu perdi minha mãe sai do colégio, ai minha mãe tinha muitos filhos também não é eram 25 25 não é ela perdeu a maioria ficaram não me lembro mais quanto e agora até a maioria também já foi, so tem eu agora eu e meu irmão só tem 2 dos 25 e logo com... pouco, pouco tempo de idade eu deve (se interrompe)... eu deveria ta com o que eu era pequenininha, quando eu vim pra Ca eu deveria ta com que com 9 pra 10 anos pra qui pro rio e meu irmão morava aqui (fala interrompida)

MA:me fala um pouco mais a senhora estava lá ainda não é

DLS: Estava lá ainda não é, no colégio não era colégio de madre que eu estudava eu era interna colégio salesiano eu e meu irmão...

MA: como e que foi essa vinda da senhora pra cá?

DLS:A vinda pra ca um irmão meu veio trabalhar aqui em botafogo num colégio jacobina ai ele foi arrumando (fala interrompida).

MA: A senhora lembra como é que foi que ele veio parar aqui.

DLS: Ele veio através de um senhor chamado senhor jacinto que foi lá passou minha mãe deu guarida ele lá não é família, não é minha Irma e lá ele começou a se apaixonou pela gente tudo ,não é, pela família ai quando ele voltou pra ca (fala interrompida).

MA: a senhora sabe quando a família conheceu ele?

DLS: Não sei também era muito menina não, não sei ai ele... Eu sei que ele arrumou um emprego pra esse meu irmão no colégio meu irmão veio meu irmão foi trazendo aos poucos não é...

MA: Esse senhor era o que ele era o que...

DLS: Era dos serviços gerais eu acho, eu acho que sim eu não me lembro mas eu acho que era serviços gerais porque professor não era, formado em nada ele não era, ele não tinha instrução pra essas coisas não, então ele veio trabalhar nesse colégio.

MA: ele era pernambucano também.

DLS: Também todos nos éramos pernambucanos.

MA: Esse que trouxe vocês.

DLS: Também ele era um dos quinto filhos da minha mãe, então tanto que... que ele ficou como tutor da gente, dos menores não é, a gente veio pra Cá e ele ficou como tutor quando minha mãe morreu ele e minha Irma se responsabilizaram pelo irmão, menor ai ficou dividido, um bocado com minha Irma um bocado com ele não é, ai foi dividindo, ai minha Irma arrumou um companheiro não é, e que já era viúva arrumou um companheiro e foi viver, ficamos com ele, fiquei com ela eu e meu irmão o “Man” o mano e com ele ficou mais uma turma lá, Dulce uma porção de irmã, inclusive minha Irma que inclusive morreu também... Morreu a pouco tempo, e foi se dividindo assim, e ai depois com o conhecimento dele com outras pessoas com mães de aluna foi arrumando colocação pra gente, eu fui pra uma casa pra brincar com uma criança, servir de baba, (fala interrompida) pequenininha.

MA: mas antes de chegar nessa parte o que a senhora lembra da viagem?

DLS: Da viagem foi eu me lembro horrível, que nos viemos de navio e eu vinha vomitando muito fiquei na cama, quase em coma porque eu n comia minhas riam também não e a gente passava muito mal no navio aquele cheiro de maresia horrível e a gente não conseguia desfrutar da viagem, não é? Viemos de navio e... quando chegamos aqui fomos pra morar em Irajá na casa que já era da minha Irma com esse companheiro, E meu irmão já tinha minha cunhada que já eram casados desde lá de Pernambuco eles já eram casados, e eu fiquei com ela, era duas, Irma dela e eu.

MA: Tinha algum vizinho seu de Pernambuco que veio pra Ca, algum conhecido que ajudava?

DLS: Não, não, não, a única coisa que veio de lá eram meus tios, minha tia, meus primos, que inclusive já faleceram também, minha tia faleceu, meus primos a Juanira foi parece que o mês passado Juanira faleceu, parece que o marido também ai foi acabando a família, não é, foi só

quem veio de lá de Pernambuco que também veio ficar aqui era minha tia e meus primos, não é.

MA: Você tinha muito contato com sua família, tia primos?

DLS: Tinha...Tinha muito contato eu não saía da casa dela, ia sempre trabalhando, ainda mais quando saía do hospital, eu estava sempre indo lá, eu adorava minha tia, não é, e ela também, ela me chamava como você já sabe de pimenta, o pimentinha chegou aí era aquela alegria, porque era onde eu chegava eu já chegava cheguei fazia aquele barulho brincava entendeu? Aí eu alegrava quando eu chegava (fala interrompida) (risos).

MA: Essa pimentinha aí... Quando era criança, vou chamar a senhora de pimentinha agora (Risos) Aí ficou assim, sempre que eu chegava era aquela alegria aquela festa, e todos graças a Deus era muito queria, não sei porque, de ser caçula, a caçulinha de casa, então eu tive a infância muito boa, em compensação eu quase não tive mocidade e não tô tendo velhice, mas a infância eu não tenho que me queixar o que eu podia imaginar eu tive o que eu podia brincar eu brinquei, embora eu era... Muito pobre, eu sei porque no colégio ensinavam muita coisa a gente, muita coisa boa, eu “recortava”, eu “cantava”, eu dançava, era aquela alegria em casa.

MA: Mas a senhora... Como é que vocês se ajudavam.

DLS: É minha tia, minha tia...

MA: É uma dúvida, porque isso a senhora contou quando foi pro Irajá.

DLS: É...

MA: E moravam aonde mais ou menos?

DLS: Aqui em Jardim Primavera, depois eles foram embora pra Manilha lá em Niterói, lá eles faleceram, mas quando vieram de Pernambuco, vieram direto pra uma casa, um “sítiozinho”, minha tia fazia farinha, fazia pra gente, não é, farinha de mandioca, mas durou pouco tempo também, foi embora

MA: De Jardim Primavera?

DLS: Não sei, acho que Jardim Primavera, eles ficaram desde que vieram de Pernambuco, mas que era mais de 5 ou 10 anos eu sei que era.

MA: Quando a senhora veio pra cá ver o terreno, a senhora já estava em Jardim Primavera?

DLS: Pra Manilha.

MA: Como que as famílias se apoiavam?

DLS: Olha, eu estava em Niterói na casa da minha tia, quando uma amiga lá de lá, falou de Vila Operária, quando estava iniciando, fazendo a divisão, 49 você já sabe, daí pra cá você já sabe de tudo foi quando ela me passou o terreno dela, pagava 30 reais a ela pelo pedacinho, lá na rua... Adolfo Davi, que não era aqui...

MA: Essa amiga da sua tia que era moradora daqui...

DLS:Minha tia que morava em jardim primavera, a amiga dela, morava aqui, não sei se você conheceu, Maria Albuquerque, você devia ser menininha.

LCB: É eu acho que sim...

DLS: Ela morava naquela esquina ali, era mãe da Dirce, do Welinton, ela que me vendeu o cantinho dela por 30 reais, eu pagava 30 reais por mês (pausa) então eu vim aqui fiquei aqui, num barraco, que ficava 2 dedos assim de separação de tabua, quem passasse na rua via a gente lá dentro, mas eu lutei, lutei, lutei, mas como eu disse a você minha vida foi sempre luta, eu me chamo é... Trabalho, porque sempre ralei, sempre lutando, e eu não tinha vergonha de chegar nas casas de construção onde eles estavam construindo prédios e pedir as coisas, se não tivesse, se tivesse precisando, pra me dar, e eu trazia, trazia mesmo, no muque, na cabeça, as vezes ate uniformizada do hospital eu vinha com tabua com as coisas na cabeça, pra casa. (fala interrompida)

MA: Mas a... (fala interrompida)

DLS: E eu ia muito lutei muito, depois que eu conheci o Barbosa, que era presidente atual daqui, mesmo em 49, no ano ainda de 49.

MA: Estou interessado em saber outra coisa, você falou que sua tia fazia farinha...

DLS: Minha tia Fazia faria e trazia pra gente, pra gente se alimentar, levava pra minhas irmãs, quando vinha, vinha com saquinho de farinha na cabeça.

MA: quando a senhora veio aqui pro RJ, sentiu algum preconceito?

DLS:Nunca, pelo contrario eu tenho ate honra, de dizer que sou pernambucana, mas poderia dizer ate que sou carioca pela idade que vim pra aqui não é?, mas não, eu quando me perguntam, eu sou pernambucana, tenho maior honra de ser pernambucana

MA: O que a senhora trouxe da vida de Pernambuco pra cá, pra vida da senhora? De comida...

DLS:Nada, porque eu era tão menina que não pensava em nada, só trouxe brinquedo, gostava de brincar, gostava de praia, gostava de sair, de dançar gostava de tudo, eu sempre fui assim, nunca me incomodei com nada.. e depois eu logo que vim então, com pouco tempo fui pra essa casa cuidar desse, não é, não é... Então praticamente eu não pensava em nada, minha vida era brincar com Luis Felipe, levar Luis Felipe na pracinha, voltar, só vinha pra casa de 15 em 15 dias (pausa) era a folga que eu tinha até quando (alguém chamando).

DLS: Me chamaram? Ate eu formar a maioridade, a maioridade não, com 15 anos eu já já aconteceu um contratempo na minha vida a troco de, de uma promessa de ser atriz eu me entreguei e ali foi minha honra foi tudo e eu engravidei, ai o primeiro filho, o marcos, ainda

fiquei, minha cunhada lutou com ele “ó é de menor, tem 15 anos “não sei o que bababa e tal”, mas não sei o que conversaram que ficou por isso mesmo, mas eu queria era trabalhar, tive meu filho ai tive o eclampse, fiquei 4 meses sem enxergar e.. não podia trabalhar, não podia fazer nada, não me lembrava que tinha tido um filho, com 15 anos.

LCB: Esse foi o seu primeiro filho?

Dijanira: Sim o primeiro filho, o marcos, aquele que não sei se você viu ele chegar ai com carro, um branquinho, aquele que é meu primeiro filho.

LCB: De outro marido.

Dijanira: È esse ai, eu já não digo marido, porque praticamente se aproveitou de mim não é, da minha inocência, minha cunhada lutou pra lá mas eu também não pensava em nada, porque eu nunca pensei em nada de ruim de mal, pra mim estava tudo bom, eu ia ter um filho como se eu fosse ganhar uma boneca, entendeu? Então eu não tinha aquela responsabilidade, não tinha mãe não tinha pai ninguém pra me orientar ninguém que conversava nada comigo da vida não é, então eu não sabia de nada, nada, nada, então eu queria porque queria entrar pro meio de radio, pro meio de coisa, então eu fui pastora da “talfaldos” da “Solano Trindade”, fazia com as meninas, fazem, que não fazem no Faustão, a troco de cachê até arrumar um emprego definitivo, quando eu vi que não dava, que eu estava com um pouquinho de mais idade, e eu vi que não dava aquela vida, foi então que eu procurei de novo estudar porque eu tenho que ter uma profissão na vida porque agora tenho um filho e eu vou precisar cuidar do meu filho não é, ai eu entrei pra enfermagem estudei na “Manere” em botafogo não é, era no flamengo, não é, não sei se já mudou, e na escola eu aprendi, li algumas coisas algumas técnicas de enfermagem mas depois eu sai tive que sair, as condições não davam pra eu estudar, tinha que trabalhar, e eu fiquei muito assim... Cansada, porque trabalhava o dia e estudava a noite, chegava de manha tinha que levantar muito cedo pra providenciar café mesa pros patrões aquela coisa, passava o dia trabalhando arrumando aquela coisa toda, então eu ficava cansada e desisti, desisti, parei...

MA: Sua primeira casinha aqui, que a senhora estava falando, que a senhora lembrou quando ia pro trabalho, passava e pedia coisas...

DLS: é lá no “Adolfo Davi”....

MA: “Uhum”

DLS: Eu já ia pegando as coisas porque a minha intenção era aqui porque sempre ele dizia, que esse terreno estava vazio, ia fazer daqui um ambulatório, do lado da escola.

MA: Ele que a senhora fala...

Dijanira: O Barbosa, mas como nesse intervalo eu já estava com ele e a família já, já tinha o primeiro filho.

MA: Como a senhora conheceu ele?

DLS: Através dessa amiga que falei, a Maria, quando ela veio me vender a casinha foi por intermédio dele, porque tudo que a gente comprava aqui, tinha que passar no centro de melhoramento (fala interrompida).

MA: Mas então a senhora conheceu ele por causa da compra da casa...?

DLS:É, porque não estava inaugurada ainda, isso aqui era tudo terra a “Jondisse” tem as fotos, então ele me botou como secretaria do centro pra melhoramento, aí eu arrumei um emprego e comprei a casa.

MA: Me conta como foi esse contato com ele, a senhora veio ver a casa, comprou gostou.

DLS: Eu não vi a casa, porque se eu visse, acho que não comprava.

MA: Por que?

DLS: Porque foi assim, eu tenho muita vontade de vir morar aqui, porque eu n gosto de Niterói, que não tinha água a água era salobra, tinha gosto muito ruim, aí ela disse que tinha uma casinha lá e se você quiser eu passo pra você, você vai lá que a gente vai no centro pra melhoramento, e a gente passa pro teu nome...

DLS: Não, só ouvi falar, que aqui estava dando terreno, que o moço era muito bom, era isso era aquilo, então acho que ele se embelezou pelas belezas dos meus olhos, e lá fui eu não é, como eu disse que de beleza eu não tinha nada, ele foi me botou como secretaria, aí foi sofrimento não é, mas de sofrimento eu já vim, comecei a sofrer aqui com a esposa dele com ciúme e era uma coisa, olha não tenho nada com seu marido, e de fato naquela época não tinha nada, mas aí fiquei como secretaria ajudando, fazendo escrita e tal...

MA: Essa era a primeira casa ainda? Me conta mais da primeira casa da senhora?

DLS:E qual?

MA: Da primeira antes da senhora vir pra cá.

DLS: lá em Niterói?

MA: Aqui...

DLS: Levei uns quatro anos, só essa aqui eu levei uns 4 anos pra levantar os alicerces, as paredes.

MA: Então, mas a senhora demorou 4 anos, a senhora morava...

DLS:Eu morava La...

MA: Morou lá e logo depois...

DLS: Depois ele me deu pra eu comprar aqui, eu espetava muito ele, seu Barboza arruma aquele canto pra mim, arruma aquele canto pra mi, naquela época eu ainda não tinha nada, depois de uns 2 ou 3 meses que aconteceu, aconteceu dele gostar de mim e tal, ai foi que a gente foi viver ...

MA: Fala como que era a primeira casa da senhora, a senhora gostava dela?

DLS: Eu tinha muita tristeza dela, porque ela não era uma casa, ela era. Só tinha de bom o piso, as paredes eram de tabua, era muito pobrezinha, não tinha divisão, os meninos tudo dormiam no chão, eu não tinha cama, não tinha nada, era pobretona mesmo, não tinha nada, a “Erci”, uma professora aqui da escola, que me ajudava muito, me ajudava, me ensinava, me dava roupa, pras crianças, dava roupa dela também, pra mim, entendeu então eu fui muito ajudada assim, pelos amigos, pelas amigas, pelas pessoas que me conheciam, sabiam que eu tinha muito filho e tal, então eu fui muito ajudada, sabe, assim roupa usada, peças pra casa, fogão, eu ganhei muita coisa que eles me davam...(fala interrompida)

MA: Mas quando a senhora estava morando naquela casa.

DLS:. Na “Adolfo Davi”.

MA: Quando a senhora falou que pegava material e já pensava em ir construindo aqui.

DLS: Ai eu pegava... Quando ele decidiu que eu poderia construir aqui e me deu a ordem e chamou o João Correa costa, que Deus o tenha, que é falecido, que ele era mestre de obra, então deu a ordem a ele que ele poderia fazer o alicerce aqui de uma casa pra mim, mas queria que fosse uma casa em condições pra , pra eu cuidar das crianças aqui, ai ele fez o alicerce, depois do alicerce foi 4 anos.

MA: Esse João ele fez o alicerce de todas as casas? Como que era (fala interrompida).

DLS: Não.

MA: Ele era o que, era morador daqui?

DLS: Ele era associado, da associação, ele era um dos componentes daquela turma que mostrei, vocês viram ai a fot (fala interrompida)... Então ele era sócio, do centro pra melhoramento. Então a casa quando terminou o alicerce ai eu... Eu estava já trabalhando eu, ele tinha me colocado pra trabalhar na prefeitura, me colocou na prefeitura, trabalhei 4 anos aqui nessa escola como servente escolar, fazia merenda, recebia os americanos, nos fomos conseguimos recebemos leite em pó bulbo, conseguimos aquelas coisas com aliança para paz, aqui pra escola, quando era ainda concordado, não era ainda da prefeitura, era concordado, ele deu o prédio e a prefeitura fornecia os professores, entendeu? Você entende como é não é, os professores lecionavam, mas o prédio ainda era da comunidade, ai foi em 70, ele Fez doação do prédio pra prefeitura definitiva, ai a escola passou a ser municipal.

LCB: mas a senhora participou da fundação da escola.

DLS: Participei, participei desde a fundação da escola, quando a escola ta pronta e tal, então a gente fazia eventos muitos eventos na escola (fala interrompida).

MA: Como era esse prédio da escola?

DLS: Era assim mesmo como ta ai, sempre foi assim a estrutura, nunca teve melhora, a única coisa que melhora é só... nos, os moradores e nos mulheres virávamos massa puxávamos baldes de massa, carregávamos tijolo, a “cambuquinha” ali levava tijolos na cabeça que a olaria doava...

Luciana: as mulheres também faziam.

DLS: Também, fazíamos comida, sanduíche, fazíamos feijoada, “panelão” de feijoada, não em troca de dinheiro era comida.

LCB: a senhora conheceu a Ivete dos santos, que era uma merendeira?

DLS: Ivete?

LCB: É, era uma das primeiras merendeiras da escola, conhece ela.

DLS: (pausa) “humhum” (concorda), A merendeira daí era eu... eu que fazia as merendas, depois veio “Cicilia”, depois veio “Andreza”, todas menos essa Ivete, essa Ivete eu nunca vi (risos) não tenho conhecimento dessa Ivete.

DLS: Então... Ai na escola foi assim, depois que passou pro município (fala interrompida).

MA: Uma curiosidade a escola quanto sua casa daqui, qual o papel dizia que a casa era sua e o prédio da comunidade, tinha papel como que era?

DLS: Tinha porque nessa época aparece o dono que era Genario Chadric. Logo depois que a vila operaria foi inaugurada, ai o Genario Chadrick, como tinha já muitos moradores, nos já estávamos mais de 5, 6 anos, e assim foi indo, e ai ele deu aquele uso capiau, os próprios filhos deles vieram trabalhar pra doação das escrituras pra esse povo, eu mesma tenho a escritura que recebi da mão do Genario Chadrick, tinha minha escritura, certidão do imóvel tenho tudo, eu aqui sou dona do terreno e da casa, da propriedade, a maioria ai são bem feitoria, a minha não, é propriedade.

MA: A senhora já tinha ouvido falar do Chadrick antes?

DLS: Não, nos passamos a falar dele, a saber dele, quando apareceu o representante dele, pessoa de confiança dele que nos foi ele que veio, foi o representante com a cúpula de seu Barboza, Leon 13 a prefeitura, foi um grupo de senhores vieram aqui na própria sala da escola e vieram conversar sobre esse assunto sobre a vila operária. Porque nesse mesmo tempo teve uma turma do contra que queria se apoderar daqui, BNH que não existe mais e distribuir uma moradia pra cada um e se apropriar do lugar só que ninguém aceitou, ai foi aquela guerra

aquela briga, confusão, foi uma luta não é, seu Barbosa foi preso, eu também fui, e foi todo mundo não é, todo mundo que trabalhava com ele de secretariado foi, ficamos presos políticos, presos no... Como é que se chama? Que ele fala lá... Não é cárcere não, é dar-se um nome lá, e nós ficamos naquele lugar ali, prisioneiros até quando foi pro supremos tribunal, quando foi pro supremo tribunal ganhamos a causa de sete a zero, ai o juiz... Foi na ditadura de 60, de 64.

MA: Vamos falar um pouco disso tudo...

DLS: Ai eu tenho que lembrar tenho que lembrar não é... Ai deixa eu contar a melhor passagem, eu 'estava grávida, eles estavam tão cegos que entraram aqui e não me viram sentada na minha cabeceira de costura, veio com seu Barbosa me pegar, ai eu entrei, já não estava me sentindo bem, estava grávida... Do Roberto, ai me levaram, quando chegai lá na mesa do doutor belo, ai ele: "minha assistente social, é a senhora", "é doutor Belô, sou eu" (risos)foi só o que me lembro que eu falei, sou eu, eu era secretaria dele, não ia negar que era, ai minha bolsa estourou...Ai me botaram nesse "parla... sei lá o que", ai ficamos lá eu, seu Barboza, Genilda , que era segunda secretaria, o padre Baldo, que era eletricista, e fazia todo serviço da câmara, ficou aquela turma, no "parlatorio", ficamos no "parlatorio", ai eu agoniada, pra lá e pra Ca, vendo a hora do não é, não nascer, já tinha estourado a bolsa, ai mandaram chamar o Idéquio, Idequio de Freitas lima, era o vereador na época, era prefeito na época.

LCB: Isso nos anos 80?

DLS: Ele foi de 69, 64 pra cima. Ai veio ai ele foi falou lá como delegado, com a Kombi e me levou pra casa de saúde são José, assim de jornalista pra me fotografar, ai não deixaram, doutor Silvio, que deus o tenha, disse: não, ela foi pélvica, teve um parto pélvico, n pode receber ninguém, ai fiquei num apartamentozinho lá, mas a disposição jurídica, e eles ficavam no "parlatorio". Ai que... que aconteceu, não me deixaram mais sair de la, fiquei na casa de saúde até... Acalmar, de vez quanto aparecia uma imprensa "eu quero falar, quero ver a parturiente, quero ver a "Jani" e era assim" a Dijanira vulgo Jani, aquele "auee" todo, doutor Sidnei não deixou, porque de fato tinha sido pélvica, meu filho veio de pé, ai eu não estava em condições de receber ninguém, imprensa nenhuma. Ai ficou por isso mesmo, nisso acalmou as coisas e tal, ai chegou disse assim: ganhamos a causa de sete a zero, estamos livres pode vir embora, ai me deram uma certidão, que eu devo ter ela guardada ai, de nada consta, da coisa é... negocio de nada consta, e teve também o pessoal todo lá que era nosso, e ficamos com liberdade de trabalhar.

MA: Foi algum vereador também?

DLS: Foi, foram cento e cinquenta vereadores, “Zumar Batista”, “Luiz Brás de Runa”, eu não sei o nome de todos, mas foi uma turma não é, foi um também que não consigo lembrar o nome dele, foi “José de Jesus” que é o seu Barbosa, e a secretaria de cada um, foi todo mundo não é...

MA: porque você acha que eles prenderam vocês?

DLS: Porque eles achavam que poderia falar alguma coisa sobre isso, mas nos não sabíamos nada disso, nós só sabíamos de moradores e ruas, as necessidades do bairro, nos não sabíamos de nada de política não, nada... então nos não tínhamos o que falar, um me acusou de que eu quem fazia os atestados de pobreza, aí... me botaram pra escrever, não sei quantas cento e tantas paginas escrito duque de Caxias, pra fazer, pra conferir minha caligrafia, então a gente sofremos muito aqui, vila operaria depois de inaugurada, nos sofremos muito porque tínhamos pros e os contra, então os contra que eram os donos da elite, queriam, não queria que aqui fosse apanhado os pobres, aqui dentro, eles queriam se apoderar do lugar, então quando soube que era o “Genario Charidck” que era o homem, que era o dono do brilhante, das pedras preciosas, de “turo”, que era um homem riquíssimo, não é, então ele tinha tudo, mas ele não fazia questão disso aqui, então tanto que ele não fez questão, mandou, passou pros filhos passarem pra cada um, tudo direitinho, comprovando que cada um mora.

MA: A senhora ouviu falar dele depois que ele deu os comprovantes?

DLS: Ai depois disso depois que ele deu, veio o aviso pra nos, pra nos não pro seu Barbosa, seu Barbosa que transmitia pra gente, que ele havia falecido, mas que os herdeiros que são os filhos, estavam agindo sobre nós, mas quando os filhos abriram mão, disso aqui tudo para os moradores da vila operaria.

LCB: Mas antes disso teve manifestação dos moradores na rua?

DLS: Teve manifestação assim, era a reunião que seu Barboza convocava, reuníamos no centro da escola, quando não, era no centro pra melhoramento, aí quando foi 70, em 70 extinguiu o centro pra melhoramento, que ele não queria saber de política aí abandonou tudo, e não quis mais saber coisa, aí foi o fim do...

LCB: Do centro pra melhoramento....

Dijanira: Centro pra melhoramento, outros abriram aí, mas não são nossos, são gente diferente que a gente não sabe não é quem é...

LCB: Mas aí é essa associação atual...

DLS: São outras pessoas, não pertencia a nós, não pertencia ao conhecimento do seu Barbosa, também nosso, nem meu também...

LCB: Que era do seu Davino, a senhora conheceu ele?

DLS: Eu conheci o seu Davino, ai depois entrou outras pessoas, e depois entrou bandidinhos e é quem manda aí então... isso ai não é com a gente, não faço parte disso ai, também nunca fiz... então sempre fiz parte do centro pra melhoramento

LCB: E como foi o contato que ele fez?

DLS: Era boa, procurava muito saber, aprender com seu Barbosa, muita coisa que ele não sabia ele ia aprender com seu Barbosa, em produzir com ele sobre o bairro, mas depois que ele abandonou tudo, foi o tempo que ele saiu da política, porque já estava doente, já não estava bem, abandonou isso ai, ai agora todo mundo pode fazer o que quiser, foi ai que a coisa começou a revirar aqui, foi ele sair, pronto... Começou entrar gente ruim aqui, que na época não tinha, esse negocio de drogas, na época não entrava, na nossa época não entrava, e foi mudando até estar no negocio que está aqui hoje, pra você ver, quatro facções aqui dentro, rocinha, alemão, chapadão e mangueirinha, tudo aqui dentro, e a gente ve nossos irmãos sendo assaltados, a gente vê nossas meninas que vem do trabalho perder seu dinheiro, seu dinheirinho que ganha do ano de trabalho, do mês inteiro de trabalho, pros vagabundos que a gente não sabe nem de onde saiu não é. Então essas coisas... Deus faz as coisas assim, o certo em linhas tortas, assim quando ele chegou a adoecer, se ele tivesse vivo ia ter um infarto do mesmo jeito vendo essas coisas.

LCB: Mas e quando ele se tornou vereador? Ele foi bem aceito? Ele trouxe algum beneficio?

DLS: Foi ele foi aceito aqui por unanimidade ele foi o segunda da mesa da camara em votação.

MA: A senhora lembra o ano que ele entrou como vereador?

DLS: Parece que foi em 59, porque 60, 64 nós já sofremos a ditadura, foi por ai assim 53, 54 por ai...

MA: O que mudou na vida de vocês quando ele virou vereador?

DLS: Nada, porque ele era um homem Tão simples, ele era uma pessoa que, eu to falando como pessoa, não to falando como companheiro não, to falando como presidente, “prato” na vila operaria, eu quando digo isso, faço deixar bem claro, pra todos que faça a pesquisa que não estou falando do homem que viveu comigo, to falando do patrono da vila operaria, to falando como moradora, então ele assim, ele sentia seu drama, ele sentia o drama de cada um daqui, um precisava de remédio, um precisava de buscar gás, precisava levar mulher parturiente, pra ganhar não é, se ele tivesse almoçando deixava o prato na mesa pra ir servir, se batessem na porta chamando ele pra qualquer afinidade, ele era um homem assim, então ele como vereador não mudou nada, pelo contrario então ele dizia assim... eu, eu que dizia assim porque eu é que falava no microfone, “olha moradores, amiga, nunca perca o seu líder,

porque você, se nós perdermos nosso líder, vamos sair aqui ó com barrigudinhos na frente e os cachorrinhos magros atrás”, que eu já não podia falar, que era o problema da evasão que estava aqui, então eu falava assim, nunca abandone seu líder então vamos lutar pra tornar eleger ele, tanto que ele foi eleito quatro vezes, continuou a mesma coisa, pelo contrario, ele passou a trabalhar mais, teve a aliança para paz que fornecia alimentos pra escola, leite, bulgo, a merenda escola, porque por enquanto na prefeitura não existia esse negocio de merenda, então tudo isso veio de beneficio pra nós daqui, depois veio o posto, através a reivindicação dele veio o posto, depois reinvidicou o cemitério, que agora nessa chuva, até o muro caiu, sobrou ossada por ai afora.

LCB: Então o cemitério veio depois?

DLS: Foi... já existia, mas não estava murado, não tinha gaveta, não tinha geladeira, isso tudo foi reivindicação dele, e... a luta dele foi tudo em prol da gente, pra tudo, quando ele estava no poder ele podia... pedir luz de mercúrio, passamos a ter luz de mercúrio, eu tenho um livro, mas não ta aqui, se tivesse aqui eu mostrava a vocês, eu tenho um livro que ela me deu, com fotos, tendeu? Que ela botou no livro, uma pagina as fotos e na outra falando sobre a vila operaria, isso aqui era aqueles postes de madeira... tinha ruas com meu nome, com nome da Genilda, porque não podia duas pessoas ao mesmo tempo requerer rua, Genilda requeria um nome, eu requeria outro... Outra pessoa requeria outro, eu arrumava outra pessoa pra colocar outro nome, até que conseguisse iluminar tudo, e depois nos requeremos, ele requereu a luz a mercúrio, ai começou a iluminar tudo, ai ficava lindo, você ver lá de Cordovil você olhar pra Ca e ver a vila operaria, e você lá do morro olhar pra baixo e ver Cordovil, vigário geral... Então ele como vereador, ele fez muita coisa, trouxe pra nós o asfalto que não tinha, era terra, ele trouxe a quadra, ele trouxe o posto de saúde, ele trouxe a Luiz de mercúrio, e eu, na condição de assistente social, aposentei quase 150 famílias aqui através do fundo rural, inclusive minhas vizinhas aqui na frente aqui do lado, que hoje estão recebendo (fala interrompida).

LCB: E hoje esse posto de saúde, ele chegou a ser construído no morro?

DLS: Não nunca foi lá no morro, ele foi construído aqui, é que agora o prefeito Alexandre Cardoso, colocou pra reforma a quadra, que ta ai agora, e fez a reforma do posto, ai quando, pra não parar o atendimento, eles foram lá pro dica, o dica forneceu a sala, o prédio pro Alexandre Cardoso, e o pessoal daqui estavam atendendo lá no dica.

LCB: Mas no inicio, quando construiu o posto.(fala interrompida)

DLS: Ele sempre foi aqui.

LCB: Na associação dos moradores, houve reivindicação pra ele ser lá em cima?

DLS: Não... não, não, não que eu saiba não, nunca houve isto, porque o posto já estava aqui, já estava edificado aqui, não tinha como... sair daí pra outro lugar NÃO É.

MA: sobre a situação do Barbosa na câmara dos vereadores, qual partido que ele foi?

DLS: Ele ficou no pior partido, meu irmão, arena e pe ... pe... como é? Só tinha 2 partidos

MA: MDB, mas ele foi arena?

DLS: Arena e MDB, ele foi Arena.

MA: Arena... Então foi depois de 64.

DLS: Logo depois mudou pra arena em 64, ai ele aderiu pra arena, porque ele sempre foi oposição, ele levou nome, algumas pessoas diziam ai que ele era comunista, porque ele era oposição, ele não aceitava certas coisas, certas propostas lá fora, então ele sempre era do contra.

MA: Mas no Arena a senhora lembra como era o partido dele?

DLS: Ele não tinha partido porque ele era simplesmente presidente do sindicato, ele era , trabalhava no serviço braçal, pra você ver como ele era simples, empregou muita gente no serviço braçal, empregou muito a gente na prefeitura, quando ele entrou como vereador, entregou muita gente na prefeitura e na “sucam”.

LCB:É...

MA: Quais vereadores ele conversava mais?

DLS: Ele tinha mais acesso, era mais com as pessoas que, por exemplo, Geremia de Matos Fontes, que era vereador lá do coisa, que eu até consegui internar meus filhos por 3 anos, pra conseguir construir aqui, eu já falei isso com você, A Célia tinha um aninho quando foi pro colégio agrícola, pra eu poder levantar aqui, e foi através do Geremias de matos fontes, o outro... Qual nome daquele colégio do seu Vinicius?

LCB: Itaperuna (pausa) não... Mas o seu Vinicius era Itaperuna...

DLS: Não , no colégio lá junto com Barbosa, ele era ex secretario de segurança, eu vou jaja lembrar o nome, então foi o Geremia de Matos Fontes, Idequio que nunca abandonou a gente , Tenório, que nunca abandonou a gente, o pessoal do Leon 13, era o contato dele, era com esse pessoal.

.MA: Fala um pouquinho mais (fala interrompida)

DLS: Porque era um pessoal , tinha um grupo aqui como eu disse a vocês, que era do contra, então eles não queriam aceitar, queriam invadir aqui, eu tive que enfrentar 7 carros na minha frente, eu com uma rural e um microfone na Mao, eu falei pro Cabral assim, Cabral, que deus o tenha, Cabral atravessa essa rural aqui na frente, então eles não tinham como passar ficaram da rural pra trás, tudo quanto era arma estava apontada, pra desfazer uma reunião, um comício que tinha marcado ali, uma reunião, o palanque lá em cima e ele ia conversar com o pessoal lá

em cima sobre vila operaria, porque quando ele queria falar, ele fazia assim, porque reunia todo mundo ali, então veio... vazou que ia ter reunião aqui, e eles apareceram então eu fui enfrentar eles, só no microfone. A vila operaria toda juntou a minha volta, as crianças com pedra com pau, tudo quanto é coisa, eles estavam com armas e as crianças com pedra, as mulheres vassoura, tijolo, tudo e me rodearam ali, e eu falando, “olha moradores da vila operaria, esses são os homens que querem dirigir o destino de caxias, vejam tudo armado, olha lá o gesto que ele esta fazendo, gestos indecorosos” e eles, os gestos que eles faziam eu falava no microfone gritando , gritando, ai como eles viram que o pessoal ia invadir mesmo, que rodearam a rural, frente deles, eles so deram a volta e foram saindo

MA: Eles que a senhora fala, quem eram?

DLS: Só com o microfone, justamente quem eram o Gilmar batista, Jose da silva barros, Luis Bradiluna, Armando de belo frança, esse armando chegou a entrar aqui até com capa, armado com fuzil com tudo aqui pra ameaçar o pessoal, eu enfrentava, eu enfrentava só com o microfone.

MA: Eles eram o que, políticos locais?

DLS:É eu enfrentava só, só com o microfone, ai o resultado, acalmaram, viram que não dava pra eles, ai pararam de perturbar a gente, mas ai ficou aquela turma do, que são a favor deles e contra nós não é, falava vai acontecer reunião assim, assim, assim, ai vinha o pessoal aqui pra tirar títulos, ai já vinham já ficavam dizendo pra não ir, que era mentira “papapa”, ai vinham e ficavam com cara grande, porque vinham o pessoal do fórum, com ordem jurídica pra tirar titulo do pessoal aqui, quando não era... eles trabalhavam sempre na escola, quando não era titulo, era aquilo que eu estava falando, titulo de pobreza, os que não podiam pagar a segunda via, ai o juiz , Não é, a delegacia autorizava, ai a gente levava ao fórum. Foi ai que eu entrei, pra fazer o coisa, mas eu preenchia, mas era o delegado, eles lá que assinavam, eu não tinha nada a ver,eu dizia apenas o, o porque de cada um que queria o documento. Mas menina, nos sofremos muito... Nos passamos por muita coisa, depois ai acalmou os ânimos foi quando ele foi.

MA: O pessoal que você falou, era do banco nacional de habitação?

DLS: BNH, eu não sei se é BNH, sei que é uma firma que acabou,

MA: esse pessoal era do BNH?

DLS: Não , assim o pessoal do BNH que veio, eles queriam assim que o seu Barboza fizesse uma reunião, chegamos ate a convidar, ele ia com a rural eu ia de casa em casa, ai ia todo mundo, não é, porque todo assunto que era da vila operaria, eles queriam estar sabendo. Ai o cara subiu e falou, todo de terno, que se ele aceitava que dessem de cada prédio construído,

um apartamento pra cada morador(pausa)... ai ninguém aceitou, porque assim amanhã nos temos família, amanhã nos temos filhos, e se amanhã eu quiser construir em cima pros meus filhos, como é que vamos fazer? Ai seu Barboza disse “quando a união não aceita eu não posso fazer nada” porque ai era 1 milhão, 3 milhões de famílias pra um, ai perderam, não é, então ninguém fez nada

MA: tentaram invadir?

DLS: Tentaram só dessa vez mas depois não invadiram mais não? Mauro, vem cá, você já conhecem, não é, mas eles três não conhecem não, tem três aqui pra você conhecer, ai gente esse ai é meu filho, você e você que não conheceram.

MA: Depois quero conversar com ele também.

DLS: Ele chegou agora que estava trabalhando vai dormir, ta estudando coitado, depois ele vai tomar um banho e dormir, porque ainda não dormiu.

MA: E a BNH quando teve essa invasão... me fala um pouquinho mais dela.

DLS: Não aceitamos não aceitamos, queremos nossas casas, nossos terrenos, ai ninguém aceitou, depois o resto das conversas foi com ele, lá na camara, com os prefeitos e vereadores, ai os assuntos foram com ele, não sei muito sobre, porque ai era com ele, sei que não deu em nada.

DLS: Ai quando entrou o Leon 13, foi nosso defensor daqui.

MA: Desde quando que entrou Leon 13 aqui...

DLS: Desde o inicio, junto com Tenório, estava sempre em prol de nos ajudar, nos ajudou em tudo. Quando teve a reivindicação dele pra melhoria daqui, com o governador Geremia de Matos Fontes, quando houve a melhoria do, que foi pra falar com o governador foi através Leon 13...

MA: Leon 13 tinha posto aqui?

DLS: Não nunca teve, Porque ele procurou toda essa turma e... Ele participava também ai participou e procurou nos ajudar também ,porque o interesse era tudo um só, era em prol de uma família, que vivia jogada em estação de trem, que não tinha casa,que não tinha nada , o problema do seu Barbosa era que ele queria abrigar toda essa família e abrigou graças a deus toda essa família.

MA: mas como que.,. Me fala um pouquinho mais do Leon 13, tinha assistente social?

DLS: Não, a conversa com Leon 13 era com os políticos, ai já não era com a gente, a gente comparecia quando dizia olha duas horas vai ter reunião com pessoal daqui, ai vinha aqueles homens tudo com microfone ele estava ali no meio, mas não a gente não tinha contato.

LCB: A senhora conheceu a Irma Beatriz, freira da congregação nacional dos irmãos franciscanos que ajudou a construir a igreja?

DLS: Conheci Irma paulina, Irma Paula, que doava muita coisa pro pessoal daqui, Irma paulina, Frei Pasquale, tivemos muito batismo com pessoal daqui.

DLS: Era lá no cruzeiro, se tinha de lona era com frei Tadeu.

LCB: A senhora lembra do nome da igreja.

DLS: Não tinha nome ainda, era da nossa senhora do socorro, tinha um caderno pra fazer festas quermesse, pra arrecadar dinheiro, pra ajudar a construir a igreja, nos conseguimos ate o toldo da igreja, a Petrobras nos deu oito metros de madeira, pra construção da igreja, e quem ajudava ali era os moradores da vila operaria, e frei Tadeu que governava ali, tanto que quando recebeu a arrecadação, muita gente deixou de ser católico, muita gente deixou a igreja, porque ele disse em viva vos que a igreja do perpetuo socorro não podia ser ali porque ali não tinha condições de manter a igreja, então as pessoas foram saindo que nem os coelhinhos pras tocas, eu fui uma que fui ser evangélica e abandonei a igreja, todo mundo, ai depois veio essa que aconteceu o suicídio, o filho matou a mãe aqui, ai veio o padre lá da santo Antonio, comprou a casa e fez a igreja, essa igreja quem sempre esteve a frente de tudo foi a Irma paulina, Irma paulina, ela trazia, tanto que vinha de córdoba, sacos de roupa, pra distribuir aqui, eu mesma ganhei muita roupa ate hoje eu tenho umas roupas que foram trazidas pelas Irma Paulina.

LCB: A senhora sabe por que cruzeiro?

DLS: Porque quando botou a cruz, quando veio pra praça, Barboza queria uma cruz bem bonita pra colocar os pergaminhos, ate que tem uma caixa ali tem o meu nome o nome dele, pra igreja, nessa placa, placa de bronze que eles colocam, e na caixa tinha segredo La, sei La, permaneceu no cruzeiro.

MA: Don Elder Camará veio aqui?

DLS: Nunca veio aqui, quem veio aqui foi o arcebispo... Dom... não lembro o nome dele, inclusive ele ficou aqui na escola, botamos cama, eles dormiam ai nas transmissões, eu fazia o café da manha deles, o almoço e janta, veio os padres eles tudo se alojou na escola.

MA: Deixa eu perguntar um negocio pra senhora...(fala interrompida)

DLS: Muita gente casou, muita gente casou ai.

MA: Desde quando a senhora chegou aqui até os dias de hoje, a senhora chegou através de uma amiga, mas como as pessoas faziam pra comprar e construir uma casa?

DLS: Aqui nunca foi, a ordem é que não podia comprar nem alugar, e só podia construir de alvenaria, nem que fosse um “cômodozinho”, de alvenaria.

MA: Mem alugar, nem vender...?

DLS: Porque ele falou assim, ele pensava muito no amanhã, ele falava no amanhã vai, que uma filha da senhora casa, ai tem condições de fazer uma casa em cima, outra, ele sempre pensava em cada um ter a sua escritura, então alvenaria, se fosse de madeira não ia ter, aconselhava que fosse um comodozinho se quer, mas que fosse de alvenaria, aqueles que não podiam ele ate comprava, tirava dinheiro do bolso dele e comprava tijolo pra construir , mas não queria que fosse feito de madeira, ele tinha esse cuidado sabe, ele tinha muito cuidado, de uma invasão, de chegarem ai vindo com draga derrubar, tanto que aconteceu eles vinham com draga, quando estava no inicio da vila operaria, eles vinham derrubar a gente é..é construía de dia, é..é eles vinham de noite derrubar, não conseguiu mais, mas teve muita gente ai que ficou sem casa porque construía de dia, vinha os outros de noite derrubar.

LCB: Mas o pessoal...

DLS:Era o pessoal do belo frança, reuniam uma porção de homem, e derrubava.

MA: O nome dele.

DLS: Esqueci o primeiro nome, mas ele era o que dele, acho que era Fernando Belo França, ele ta metido a capataz, andava com uma capa e queria imitar o Tenório.

LCB: Mas vocês não eram protegidos pelo Tenório.

DLS: Nos éramos protegidos pelo Tenório, por isso ele não se criou, o rifle dele não enfrentava o Tenório Cavalcante com a Lurdinha dele, chamava Lurdinha.

LCB: Quem fosse comprar a casa tinha que ser associados?

DLS: Não, a associação veio depois que os moradores se juntavam pra fazer fundos pra empregar na luz , aqueles que não podia pagar luz a gente tirava da arrecadação do associado era 2 cruzeiros, tinha a carteirinha cada um chegava com 2 cruzeiros e ia botando na caixinha lá , as carteirinhas.

LCB: A senhora falou da associação do seu Tenório, é verdade que... Foi o Tenório que deu nome da vila operaria que falou com de Jesus?

DLS: Não, o Jesus deu uma ruma em homenagem ao Tenório, Joaquim Tenório, que é em frente ao posto é o nome dele.

LCB: É o nome do... Tenório...

DLS:: É Mas ele não... nunca.

LCB: Quem deu o nome de vila operaria?

DLS:Barboza, porque ele era operário, o pessoal era operário, pedreiros, costureiras, servente de madame, trabalhava em fabrica, então ele deu o nome de vila operaria

MA: Essa coisa do associado, Tinha essa coisa da luz, mas o ideal era que todos fossem associados?

DLS: Depois foi, todo mundo foi chamado pro centro de melhoramento, mas não era obrigado, so quem quisesse

MA: Quem se associava ao centro pra melhoramento, quem ... as regras?

DLS: As secretarias, eu , Janilda, conforme ele dizia a fulana vem aqui pra você fazer a ficha dela, ai eu fazia ficha, a gente tinha umas pastinhas, que chama é levantamento de sócio econômico de cada família , tinha as pastinhas

MA: Mas quem era do centro pra melhoramento?

Dijanira: Quando queria vender, que muitos que vieram aqui entraram pra pegar o terreno ai, quando queria passar vinha aqui no centro, pra assinar com duas testemunhas e o valor, era tudo passado.

MA: Mas quem tinha essa coisa que a senhora falou que não podia alugar, vocês chegaram a ter algum problema com quem chegava e queria vender ou alugar?

DLS: Não porque ele nunca deu casa, ele dava o cantinho pra pessoa construir, era dividido o lotezinho de terra, quando a pessoa queria vender, ele perguntava por quanto, ele nunca aconselhava vender, ele perguntava “mas a senhora tem certeza que quer vender? Tem lugar pra ficar? A senhora já pensou no dia de amanhã?” Ele fazia uma serie de investigações pra saber se a pessoa tinha condições de vender a casa, ai se ela tinha lugar outra casa, então ele “então ta bom” e mandava a gente fazer a passagem da casa pra fulana, ai vinha ela a pessoa que queria comprar e mais 2 testemunhas, ai ia no cartório, reconhecia firma autenticar e dava duas copias.

MA: A senhoria ia no cartório...

DLS: Tudo aqui é no quinto officio, tudo que você quiser saber, a planta, como surgiu tudo no quinto officio.

LCB: Bom saber...

MA: Quando o pessoal começou a morar aqui, montar barraquinha, montar casa.

DLS: Ele nunca deixou fazer bagunça aqui, só lá em baixo, que era a área comercial, tinha um armazém que era ate de uma professora da escola , o o big do materiais de construção, Maurilio, você deve conheceu , foi o primeiro que fez o material de construção aqui e era ele que sedia todo o material pra aquelas pessoas que não podia construir, o big fornecia o material e o Barboza ia pagando a ele aos poucos.

MA: Ai o pessoal ia pagando ao Barboza depois?

DLS:O pessoal pagava ao centro pra melhoramento, por isso o motivo de se arrecadar aqueles 2 “reazininhos”, pra essas coisas, pra uma receita medica, comprar um remédio, pra comprar um gás, um leite pra uma criança. Aqui teve uma epidemia de tuberculose, quando teve A epidemia de tuberculose, nos untamos umas senhoras, pra fazer a limpeza nas casas, porque era falta de higiene, tinha muitas mulheres que não cuidava entendeu? Depois graças a deus todo mundo se educou. Nos dávamos palestras sobre educação sobre disciplina, quando acontecia de um marido bater em uma mulher, ele apanhava dizia vem aqui, ai o Mário tinha que vim aqui ai ele convocava o marido o marido vinha no centro pra melhoramento, ai Le ali ele falava aconselhava, se ele não quisesse aceitar não quisesse esperar ai a delegacia entrava, ai quem era o delegado da época que também era a nós, ai também era com ele.

MA: só pra me lembrar... O Barboza foi de qual sindicato mesmo?

DLS: Sindicato dos trabalhadores braçais, é o mesmo do lula (risos)

MA: Por mim ta ótimo, quer complementar com mais alguma coisa?

LCB:Quero trocar a bateria pra complementar.

LCB: Ta acabando ta acabando, estava esquentando, pegou muito detalhe.

DLS:O nascimento da vila operaria foi muito bonito, se a gente começar do principio, era uma coisa linda, você vê uma porção de mãe sentada na vila do trem, você vê áfrica? Era aqui, Caxias cheirava mal, quando você passava da ponte, já sentia Caxias, porque cheirava mal, porque era muita coisa de feira jogada na rua, não tinha limpeza Caxias cheirava mal, então ali na estação de trem ficava uma porção mãe umas com filhos, outras grávidas, crianças lambuzadas tudo sujo. E ele via aquelas coisas, quando ele ia trabalhar, no serviço braçal, lá na praça Mauá, ele via aquelas coisas e n se sentia bem com aquilo, foi ai que ele invadiu aqui, e foi depois da invasão que ele conseguiu pedra, como que fala.

LCB: Como se fosse brejo...

DLS: não, pedra, pedra... Tanto que tem uma ai, pedreira, e mato, aqui mesmo no meu terreno era um lado, foi aterrado e ele via aquilo, as mães , com as crianças largadas e dizia assim “eu tenho que acabar com isso, eu tenho que acabar com isso”, ai dizia assim... não sei , eu não estava aqui, ainda não sei como que era, mas o pensamento dele era tirar aquele povo não é dali, ai ele via uma porção de gente necessitando de terra e uma porção de terras jogadas ali, foi o mesmo caso do Francisco lá em cima, lá na ta preso coitado... Franciscão, dali do lote 15 que ele invadiu e doou pro povo la, ai juntou um grupo João Correa costa, João de Jesus, que levantou meu alicerce, então foi um grupo, aquele grupo de homens que você viu ai que você

tem a foto, entrou aqui pra dividir pedaço de terra , e foi fazendo e foi fazendo e copiando e foi fazendo vila operaria dar cada um seu pedacinho.

LCB: A senhora lembra se tinha algum indicio de gente escravizada aqui?

DLS: Não tinha muita era caverna de jogadores de baralho, tinha muita jogatina, e isso que ele acabou ele com isso, ele não admitia certas coisas não, ele era um homem todo cêrto que não admitia erro.

LCB: Entao aqui era um território todo abandonado...

Dijanira: Era era todo abandonado...

LCB: Não era fazenda.

DLS: Você só via mato, e tinha uma pedreira, que ainda tem ate hoje, passando da rua que entra aqui, a outra. Pra nos foi útil porque aquela pedreira forneceu muitas pedras pros alicerces do colégio, como também as olarias ofereceram muitos tijolos, os donos nas vacarias eram os primeiros que foram contra, e os que criavam porcos também porque ele não admitia queria que fosse limpo, então ele acabou com tudo. Ficou só os moradores mesmo cada um na sua casinha no seu cantinho. E assim foi formando vila operaria, Ai formamos um grupos e escoteiros, ai pras meninas n ficarem correndo pela rua com meninas, botou as escalai... e pros meninos os lobinhos.

LCB: Ah!...

DLS: Ai tinha até uns professores que se prontificaram... Ficaram muito tempo, logo quando começou vila operaria, ai na escola já ia fazendo a matricula pras crianças n ficavam solta, era muito bonito, todo ano tinha festa, festinha de aniversario de casa família. Era muito alegre mesmo, depois que ele abandonou, acabou tudo.

LCB: Me tira uma duvida pra finalizar em algum momento os moradores ficaram em contra do seu Barboza por ele ter passado pro lado do Idequilo?

DLS: No!! eles todos eram a favor do Idequilo, eles só n ficavam contra porque cada, um e ai ele e antes de ele entrar em contato, ele já como vou dizer... falava com o povo e unificava as propostas de cada um e juntava as ideias.

LCB: vamos tirar foto da nossa atriz.

DLS: Quem sou eu pra ser atriz, quem sou eu? (risos)

LCB: Pode continuar gravando vai La...

DLS: Eu puxando um negocio aqui sem saber o que era ... A diretora daí mudou viu, a Raquel saiu...

LCB: ah nem vi...

